

Bem-vindo ao mundo de Arzyn e à aventura do arcano Grivus!

Capítulos-Degustação do livro

Grivus de Angallad e a Flâmula da Moeda de Ferro

de Rodrigo B. Scop

Acompanhe o trabalho do autor:

www.rodrigobscop.com

www.instagram.com/rodrigobscop_escritor

www.facebook.com/rodrigobscop.escritor

PRÓLOGO

Observo o tempo passar e a energia se transformar. Sou parte das veias que impulsionam o universo, servo dos desejos dos Primevos. Parte do passado, do presente e do futuro. Existo em tudo, e tudo existe em mim. Sinto frio e calor. Completude e vazio.

Enxergo os Senhores do Universo sem abrir os olhos e os escuto sem usar os ouvidos. Entendo seus desejos como se fossem meus. Eles são partem de mim, e eu sou parte deles. Sempre a serviço dos Primevos, navego por fluxos de energia e atravesso véus ancestrais.

De repente minha conexão com eles diminui. Há algo errado. Minha consciência se distancia dos Primevos, e a plenitude de estar em todo lugar, de sentir tudo à volta, é substituída por desespero e incompreensão. Emito um grito mudo que reverbera pelo espaço, uma onda furiosa que percorre as veias de energia do universo.

Mais um brado desesperado. E outro. E mais um. Dessa vez, entretanto, um reflexo há muito esquecido força meus lábios a se abrirem, e meus ouvidos percebem a minha voz. Quero retornar, quero pertencer aos Primevos outra vez, mas sinto os pulsos e tornozelos presos. Tato, essa é a palavra para esse sentido. Também havia esquecido. Com furor, me debato contra as amarras desconhecidas, mas sigo me distanciando dos Senhores do Universo.

– Abra os olhos – diz uma voz aveludada. – Não há razão para lutar.

Faço como orientado. Não sei onde estou. A luminosidade é tênue, e o ambiente, enevoadado e úmido. Não localizo a origem da voz. Forço meus braços e pernas outra vez, em vão. O conforto dos Primevos parece cada vez mais longínquo, e minha ira aos poucos é substituída por melancolia. Afrouxo os membros nas amarras e deixo a cabeça cair para frente. Noto meu corpo cinzento, gasoso e nu, de contornos imprecisos e esvoaçados. Flutuo de pé. Uma memória pula em minha mente, e um lapso de compreensão me toma.

– Onde estou? – indago ao erguer a cabeça e movê-la de um lado a outro.

– Em uma caverna, no mundo mortal – replica a voz feminina e profunda.

A névoa começa a dissipar, e passo a distinguir focos de luz azul flutuantes à distância, rocha escura, chão terroso e uma mulher de túnica prateada que caminha com calma ao largo de um círculo de cristais coloridos demarcado ao meu redor. Ela possui a tez oliva e o cabelo raspado adornado por três finas correntes de prata unidas na nuca e na testa, duas pelas laterais, outra pelo topo da cabeça. Tento virar o corpo em sua direção, mas os braços e pernas continuam imobilizados. A desconhecida, de nariz fino e de ombros estreitos, sinaliza para alguém atrás de mim. Sinto os membros se soltarem, e meu corpo toca o chão com suavidade. A lembrança da plenitude enérgica se torna um mero vestígio.

Olho para trás. Seis figuras de capas negras se encontram dispostas em meia-lua, voltadas para mim, ao redor de um estranho suporte abalroado, de cujas entranhas verte o fluxo cinzento e enevoadado que forma meu corpo. Os seis desconhecidos de cabeças raspadas e marcadas com símbolos arcanos baixam suas mãos, e o fluxo cessa.

– Quem são vocês? Por que me trouxeram de volta? – pergunto para a mulher de tez oliva.

– Me chamo Allea. E você está aqui para compartilhar informações – responde ela, abrindo um sorriso.

– Não tenho informação alguma – resmungo, aproximando-me do círculo de cristais. – Enviem-me de volta.

– Gostaríamos de aprender com você, tenho certeza que seu conhecimento será capaz de dirimir inúmeras dúvidas sobre como se desenrolaram alguns acontecimentos passados.

– Preciso voltar.

– Você consegue me dizer a razão de precisar retornar? – Seu tom é afável e acolhedor.

Movo os lábios, mas percebo que não sei a resposta. Sei que pertenço a outro mundo, mas não sei a qual, nem como ele se parece. Sinto-me incompleto, mas sou incapaz de prover qualquer detalhe. Encaro a mulher com confusão.

– Se você não possui outro lugar para estar, por que não nos ajuda? Seria tão ruim visitar seu passado e partilhá-lo conosco?

Analiso meu corpo cinzento e enevoadado.

– Sim, seria.

Estico a mão na direção do exterior do círculo. Os cristais brilham, e uma redoma de energia cinza vibra, jogando-me de volta ao centro. Meus temores se

mostram verdadeiros. Estou preso. Sinto a ira florescer e tento expandir minha energia contra o campo ao meu redor, mas ela não me obedece.

– Aprendi por experiência que espíritos costumam gostar de compartilhar memórias. Colabore – pede Alleva, incisiva.

– Vocês trouxeram o espírito errado. Não possuo qualquer conhecimento sobre qualquer evento relevante – afirmo, passando a andar de um lado a outro na redoma. – Enviem-me de volta.

– Eu não erro – garante a mulher. – Sei muito bem onde e quem fui buscar, Grivus de Angallad. – Ao ouvir o nome há muito não pronunciado, sinto certo orgulho. – Ou devo chamá-lo de Darggan de Tellanir?

Cerro os punhos. Não gosto desse nome. Caminho até o limite do círculo demarcado pelos cristais coloridos.

– Liberte-me. Não tenho nada a dizer – insisto entre dentes.

Um lampejo de desgosto aparece no semblante de Alleva. Os olhos escuros se tornam gélidos e irredutíveis, a maçã esquerda do rosto treme, nervosa.

– Um arcano com a sua reputação deve saber que não há opção. Ficará preso nessa caverna até eu estar satisfeita.

Sei que ela está certa, mas reluto em colaborar com a sequestradora de meu espírito. Não desejo ajudá-la, apenas retornar para o outro mundo, para onde pertencço, ainda que não recorde o que lá me espera. Permaneço em silêncio por alguns instantes, fitando diferentes pontos da caverna, mas não posso ignorar que apenas quem me invocou é capaz de me libertar.

– Como vocês conseguiram identificar meu espírito? O que vocês usaram? – pergunto, tentando engolir minha revolta.

Alleva dá um passo à frente, se aproximando do círculo de cristais. Com arrogância, responde:

– Você está aqui para nos dar informações, não o contrário. Entretanto, dependendo de sua boa vontade em nos ajudar, considerarei responder a questionamentos.

Não vejo escolha além de ceder.

– O que você quer saber? – balbucio, resignado.

– Você esteve no reino de Gaagyn, no continente de Arzyn, no ano de 1453 da Era do Equilíbrio, logo após a morte do rei Urillan Arggast. Conte-nos tudo que aconteceu enquanto lá esteve.

– Você pretende que eu conte uma história?

– Desejo conhecer cada detalhe que você tiver para compartilhar. E lembre que saberei se estiver mentindo.

Dou de ombros, e minha mente começa a fervilhar com acontecimentos e emoções prestes a serem expostos.

– Não quero ser interrompido.

Alleva grunhe baixo e sinaliza para os estranhos de cabeça raspada. Eles sentam no chão, concentrados na minha presença. Com outro movimento da arcana de tez oliva, penas e papéis, antes ordenados em uma pedra lisa atrás dela, flutuam e se colocam a seu lado. Ela gesticula para que eu inicie e retoma sua caminhada ao redor do círculo de cristais. As penas e os papéis a seguem.

Penso em como contar a história e organizo minhas lembranças. Então respiro fundo e começo a falar.

CAPÍTULO I

Cruzei o raso rio Pygall com as pernas pesadas implorando por descanso, erguendo os joelhos para não tropeçar, movendo os braços em movimentos amplos, jogando água na direção do rosto. Queria parar e deitar sob a sombra de uma árvore enquanto molhava os pés na agradável correnteza, mas os soldados me alcançariam. Ainda que não possuíssem qualquer jurisdição na margem oeste do rio, a perseguição continuaria.

Pavor. Da espécie mais pura. Era esse o sentimento quando coloquei os pés em território do reino de Gaagyn pela primeira vez. Olhei para trás ao atingir a outra margem e enxerguei apenas os arbustos densos e árvores de troncos finos entre os quais havia corrido. No silêncio da natureza, pude ouvir os gritos ininteligíveis de meus perseguidores. Não sabia quantos restavam. Sabia, no entanto, que o confronto ocorrido em Orkasttor, cidade próxima da fronteira entre Alyzair e Gaagyn, não tinha sido o suficiente para mantê-los afastados.

Retomei minha fuga, forçando o corpo ao limite. Não possuía mais energias arcanas para outro confronto. Desviei de um arbusto cheio de espinhos e passei metade do corpo por dentro de outro com urtigas. Braço e ombro estavam protegidos por uma camisa de algodão, mas ambas as mãos e o lado esquerdo do pescoço ficaram cheias das pequenas bolinhas que coçavam e ardiam.

Ao baixar a cabeça para coçar as mãos no local certo, senti uma fisgada enrijecer a panturrilha direita. Saltitei, tentando não cair, e tropecei na raiz saliente de uma árvore. Assim que minha bunda tocou o chão, verifiquei o horizonte verde e marrom.

Sem conseguir me manter de pé, me arrastei. Demorou diversos segundos para a panturrilha se recuperar. Quando senti os espasmos cessarem, voltei a me levantar. O medo embrulhava o estômago. Antes que pudesse passar ao ritmo acelerado da fuga, dois vultos se colocaram em meu caminho, alguns metros adiante. Outros quatro terminaram de me cercar. Eles vestiam peitorais de couro endurecido, assim como eu, e tabardos pretos com o símbolo da casa real de Alyzair estampado no peito: uma garça branca de asas estendidas. Tudo estava silencioso, e a copa das árvores tapava a maior parte do sol. Respirei fundo, engoli em seco e desembainhei a espada que trazia às costas.

A arma possuía gume único, lâmina de cem centímetros, cuja leve curva se acentuava do final do forte até a ponta, e uma empunhadura que acomodava uma ou ambas as mãos. Do outro lado da curvatura acentuada, havia um largo dente. O pomo era simples, de metal, sem quaisquer enfeites, mas o estreito sulco da lâmina era entalhado com minúsculos símbolos arcanos. A guarda ampla também não possuía ornamentos ou entalhes. A espada havia sido confeccionada sob medida e recebido o nome de Gad'Shanae. Significava caminho de sangue, em irdranni, o primeiro idioma. A bainha, pendurada em um cinturão de ombro, era comum e feita de couro preto de cabra, apesar de mais larga para ocultar a ponta recurvada da lâmina. Quem observasse a arma sem desembainhá-la não veria nada de especial.

– Dessa vez você não vai escapar – rosnou um dos homens à frente, de barba vasta e espada em riste. – Levaremos sua cabeça para a Mão Arcana.

– E depois aproveitaremos a recompensa – caçou o homem alto e narigudo à minha direita, que portava uma maça.

– Cerveja, cervo e putas – completou um homem de bigode com pontas recurvadas à minha frente, umedecendo os lábios com a língua e girando o pulso da espada.

Os soldados estreitaram o cerco, e lamentei não possuir reserva de energia arcana. A fuga pela mata não permitiu recuperá-la.

– Não avancem mais um passo – avisei da forma mais tranquila e segura que consegui. – Retornem agora à Alyzair e poupem suas vidas. Não desejo matar mais ninguém, vocês viram do que sou capaz.

– Vimos – assegurou Barba Vasta, inclinando a cabeça e mostrando os dentes. – E também vimos você correndo como uma donzela indefesa.

– E nós adoramos donzelas indefesas – acrescentou um homem de expressões estúpidas às minhas costas.

Ele foi o primeiro a avançar, brandindo sua maça da direita para a esquerda, buscando minha cabeça desprotegida. Girei me agachando e passei a lâmina do umbigo ao rim do soldado, dilacerando tecido, couro e carne, enquanto a maça encontrava apenas ar. Expressão Estúpida soltou a arma e caiu de joelhos no chão, levando a mão ao ferimento que vazava seus órgãos internos.

Dei um passo para trás e virei para a esquerda, desviando um ataque descendente de Narigudo Alto. Seu corpo se aproximou do meu, e soltei a mão direita da espada, acertando-o no nariz. O som de osso quebrando foi seguido por um urro. Ele

me empurrou, e eu recuei, agachando para fugir de um ataque lateral. Ao subir, decepei seu braço da espada e, ao retornar a lâmina, acertei-a no centro de sua cabeça.

Mal tive tempo de puxar Gad'Shanae de volta antes de coletar o ataque ascendente da espada do outro soldado que iniciara o combate atrás de mim. A lâmina da arma dele deslizou pela minha e trancou em minha guarda. Com um movimento rápido de mãos, ganhei vantagem, cruzando minha lâmina sobre a dele, e o acertei com a ponta entre os olhos, abrindo uma cratera de sangue e ossos.

Tentei fugir de um ataque às minhas costas, mas não fui rápido o suficiente para escapar ileso. Barba Vasta acertou em parte sua estocada, abrindo um corte na lateral do meu torso, na última costela. Girei para o outro lado e me joguei no chão, fugindo de um novo ataque lateral. Assim que rolei, desajeitado, sobre as raízes de uma árvore, ergui minha espada em defesa.

Barba Vasta não me atacou em sequência, e agradei sua soberba, ou seu cansaço. Ele apoiava uma mão no joelho e me encarava concentrado. A ardência do corte veio à tona. Levei a mão ao ferimento, retirando-a com pouco sangue. Um talho comprido, penetrando a armadura, mas não fundo na pele. Arfei pela dor e pela fadiga, mas não pensava em nada além do combate. Os três homens restantes me separavam de uma nova vida. Apoiando-me em uma árvore, voltei a ficar de pé.

Não esperei que Barba Vasta avançasse. Ajeitei a mão direita no cabo de Gad'Shanae, e a esquerda, no pomo. Lancei um ataque frontal, mirando o ombro esquerdo do oponente. O soldado aparou minha investida com veemência, forçando minha lâmina para o lado. Aproveitando o movimento arqueado de Gad'Shanae, girei o pulso do pomo, realizando uma meia-volta na direção de seu ombro direito. Ele não foi ágil suficiente para defender o outro lado, e minha lâmina trespassou, com um som úmido, a base de seu pescoço.

De imediato percebi os dois homens restantes investindo ao mesmo tempo. Ambos portavam espadas e desferiam ataques frontais descendentes. Em um movimento arriscado, me movi para a direita, defletindo a lâmina de Bigode Recurvado para o lado contrário. A ponta de sua espada passou a centímetros de meu queixo e ombro, mas a do outro soldado acertou a parte lateral da minha coxa. Continuei o movimento, indo para direita e para frente, enquanto levava o dente posterior de Gad'Shanae até o rosto de Bigode Recurvado. Não sobravam vestígios do bigode, nem do nariz e da boca, quando girei junto a seu corpo para evadir um ataque do segundo soldado e me afastar.

Examinei o próximo oponente em silêncio, rodando com passos cuidadosos, evitando as raízes maiores das árvores. Sentia o novo corte na coxa arder, mas não podia desviar a atenção. Tentei avaliar se o soldado estava tão cansado quanto eu. Então, pela abertura do elmo, notei o medo em seu semblante. Suas narinas tremiam ligeiras, e seus dentes pressionavam o lábio inferior. O medo também me tomava, mas a excitação por uma nova vida o superava. Não havia volta para mim. Ele, por outro lado, possuía uma vida para a qual retornar.

Sem aviso, lancei um ataque ascendente, o qual Narinas Nervosas aparou. Ele tentou adquirir vantagens sobre minha lâmina e estocar meu corpo, mas recuei e empurrei nossas armas para o outro lado, sobrepondo minha espada à dele e avançando em um movimento fluido. Ele não teve força e habilidade para me impedir, e a ponta de Gad'Shanae penetrou seu peito.

Quando Narinas Nervosas caiu para trás, procurei, atônito, por um membro adicional do grupo inimigo, mas encontrei apenas árvores e arbustos, verde e marrom. A mata estava vazia e silenciosa. Limpei a lâmina de Gad'Shanae no tabardo preto de Bigode Recurvado e a embainhei. Agradei Gheen-Yra, a Senhora do Universo, por me abençoar. Dentre os perseguidores agora derrotados, não havia arcano algum. Sem energia para combatê-los, teria sido meu fim.

Após verificar que o corte na minha coxa esquerda não era profundo, retirei o elmo e o tabardo dos mortos. Temia que os corpos pudessem ser identificados como soldados de Alyzair e que, se entregues ao reino vizinho, servissem como indícios de meu paradeiro.

Em seguida, procurei por itens de valor, colocando algumas moedas, três anéis e dois pingentes na bolsinha de couro marrom pendurada na cintura. Não conseguiria muito pelos adornos, mas já seria um acréscimo ao pouco que tinha. Pendurei uma espada e uma maça na cintura e enrolei os elmos e o restante das armas nos tabardos ensanguentados.

Também retirei o peitoral de couro arruinado pela estocada de Barba Vasta e vesti o de Bigode Recurvado. Ele, como eu, era magro e media cerca de um metro e oitenta de altura. A armadura estava empapada de sangue, mas intacta. Mantive a camisa de algodão cortada, pois a dele fedia mais que a minha. A calça também estava estragada, mas poderia remendá-las quando tivesse tempo.

Antes de me afastar dos cadáveres, contemplei-os com ar solene. O correto seria queimá-los, libertando a alma para cruzar ao outro mundo. Deixar os corpos sem

chamas, com o espírito aguardando a carne definhar para ser libertado, era covarde e desonroso, além do risco de tais espíritos um dia me perseguirem ou serem controlados por um arcano cinza, um abençoado por Nazagg-Tar. Entretanto, não poderia arriscar chamar a atenção com fogo, nem demorar mais.

Centenas de metros adiante, escondi as armas restantes, os elmos e os tabardos sob as raízes de uma grande árvore. Era uma abertura escura e úmida, que parecia possuir grande profundidade. Segui para oeste, caminhando com a maior agilidade que meu cansaço e ferimentos permitiam. Em pouco tempo as feridas já quase não sangravam, e comemorei por não serem cortes graves, agradecendo outra vez à Gheen-Yra.

Pouco antes de anoitecer, deixei a área de mata e adentrei um prado verdejante. Não avistei ninguém, nem sinal de qualquer estrada. Imaginei que deveria seguir para sul, conforme a lembrança da geografia da região. Ao fugir de Akinddur, cidade governada pela Mão Arcana, levava comigo um mapa do sudoeste de Humuria. No entanto, o havia perdido, junto de minhas roupas sobressalentes, ao partir com pressa de Orkasttor.

Com convicção de que encontraria um vilarejo chamado Campo Araskan para sul, caminhei pela borda da mata até não conseguir enxergar o suficiente para o próximo passo. A lua e as estrelas nada iluminavam, escondidas atrás de nuvens carregadas. Aproximei-me da primeira árvore que encontrei e me acomodei entre suas raízes, de lado, ajeitando a maça em meus braços.

Acordei antes do alvorecer, satisfeito por ter conseguido dormir sem os pesadelos que me afligiam. Pressionei os cortes na coxa e na costela, constatando inchaço. Precisava procurar um médico. Quando a luminosidade era suficiente para caminhar em segurança, coloquei-me de pé com certa morosidade. Os músculos estavam enrijecidos e pesados. Sabia que, se precisasse correr outra vez, estaria em apuros. No entanto, o sono havia restaurado um pouco da minha energia arcana.

Segui pela margem entre as áreas de mata e de prado. Depois de uma sequência de baixas colinas, a borda se voltou, abrupta, para oeste. Continuei pelo limite entre as vegetações até avistar quatro mulheres que colhiam, com cestas de vime nas mãos, frutas arbóreas e cogumelos. Todas possuíam cabelos escuros e tez caramelo, características da maioria dos habitantes de Gaagyn e do sudoeste de Humuria.

– Olá! – Acenei ao adentrar a mata e me aproximar. Duas delas pularam ao ouvir minha voz. – Estou perdido, podem me ajudar?

Uma mulher com cerca de quarenta anos, trajando um longo vestido cinzento, adiantou-se, e as demais se uniram às suas costas. Ela largou a cesta no chão e reparou nas armas penduradas à cintura e no peitoral manchado de sangue. Então sacou um facão de cozinha e verificou com pressa os arredores.

– Afaste-se – grunhiu, após perceber que não havia mais ninguém por perto.

– Não pretendo machucá-las. – Estiquei os braços para longe do corpo. –

Procuro Campo Araskan. Como chego lá?

– Afaste-se! – gritou, balançando o facão. As três mulheres atrás assistiam, atentas.

– Só preciso saber...

– Recue e eu respondo.

Assenti e dei seis passos para trás. A mulher pareceu se tranquilizar. Ainda poderia alcançá-las sem dificuldade, se assim quisesse, apesar das pernas endurecidas.

– Siga para oeste até uma estrada, então vá para o sul – explicou, gesticulando. – A estrada ainda está longe, mas logo em seguida encontrará o vilarejo.

– Agradeço sua bondade. – Baixei o queixo em respeito. – Permita uma pergunta. Se essas matas são perigosas a ponto de minha aproximação causar essa reação em vocês, por que estão aqui sozinhas?

A mulher me fitou com suspeita.

– Se precisa saber, o conde Layrus está hospedado em Campo Araskan. Ele ditou um cardápio para a hospedaria, e nós fomos enviadas para procurar ingredientes às pressas.

– O conde se recusou a enviar soldados para nos proteger – intrometeu-se outra mulher. Ela era jovem, seus cabelos compridos eram loiro escuro, e seus olhos cor de mel, amendoados. – Segundo ele, essa área é segura.

– E ela não é?

– Chega de conversa! – bradou a mulher mais velha. A garota, ao fundo, balançou a cabeça de um lado a outro. – E você, vá embora. Não confiamos em alguém armado e sujo de sangue. Vá!

Sem insistir, me distanciei a passos largos e segui o caminho indicado, enquanto considerava o quanto a presença de um conde poderia me trazer problemas. Um nobre significava mais soldados e mais desconfiança. Entretanto, precisava tratar meus ferimentos e me alimentar. E também não conhecia bem a região, não poderia perder tempo procurando uma rota alternativa para o sul, para longe da Mão Arcana.

Antes de alcançar a estrada, começou a chover. Através das copas espaçadas das árvores, admirei o céu e sorri. Banhos de chuva me agradavam, ampliavam a sensação de liberdade. Passei da mata para o prado e parei de caminhar, saboreando os pingos contra o rosto. Quase não ventava, e as gotas eram finas e refrescantes. A vontade de gritar invadiu meu peito. Era o anseio por uma nova vida. No entanto, me contive, ainda que não avistasse ninguém no horizonte.

Com cabelo e barba ruivos encharcados, usei um grosso pedaço de casca de árvore para raspar o sangue preso no peitoral de couro, torcendo para perder a aparência de mercenário sujo e violento. Sem o sucesso desejado, bufei e retomei o caminho pela chuva.

CAPÍTULO II

A estrada para Campo Araskan era pavimentada por pedras cortadas em variados tamanhos. Valas de terra batida, agora enlameadas, corriam em suas laterais. Cruzei com poucos camponeses e com um mercador em sua carroça. Todos portavam armas. Facões, pequenos machados, clavas, porretes. E todos me fitaram resabiados e ignoraram meus cumprimentos, confirmando o conhecimento comum de que estrangeiros e desconhecidos não eram bem recebidos em Gaagyn. Imaginei qual seria a recepção se soubessem sobre minhas habilidades arcanas.

Quando enxerguei a entrada do vilarejo, a chuva já havia parado, mas o céu continuava nublado. As fortificações de pedra possuíam torres de vigília e mediam dez metros de altura. Nas laterais do portão pendiam flâmulas de fundo azul que ostentavam a imagem de uma moeda de ferro cuja face representava uma mina de ferro. Guardando a entrada do povoado estava um grande grupo de soldados de tabardo azul e cinza. Em seus peitos estava estampada a mesma moeda. Alguns deles vestiam a identificação de lealdade e serventia sobre peitorais de couro endurecido, outros sobre cota de malha. Julguei que os mais protegidos seriam guardas pessoais do conde Layrus. Nas torres de vigília, homens com as mesmas cores empunhavam arcos.

Não existia fila para entrar no vilarejo, e quatro soldados me abordaram enquanto os demais verificavam um carro de bois transportando couro. O quarteto manteve distância suficiente para não ser alcançado por uma desembainhada ágil de espada.

– O que deseja aqui? – Um soldado de ombros largos e cota de malha escrutinou todo meu corpo.

– Procuo um médico, além de abrigo e comida por uma noite.

– O que aconteceu com você? – perguntou outro, de baixa estatura e armadura de couro, apontando para o corte em minha coxa.

– Bandidos – menti. – Alguns me cercaram na mata.

– E você os matou? – inquiriu o soldado de cota de malha.

– Alguns deles, sim. – Ergui o queixo com ímpeto. Não poderia deixar dúvidas de que me orgulhava de ter matado foras da lei. – Outros fugiram com a maioria dos meus pertences.

Três dos homens balançaram suas cabeças em aprovação, mas o soldado de cota de malha franziu o cenho.

– Você é um arcano? – disparou ele.

A pergunta me pegou de surpresa. Eram poucos os soldados comuns que possuíam a coragem de tentar expor um arcano. Pensei em mentir. Porém, se eles exigissem verificar Gad'Shanae, ou eu negaria a requisição e seria equiparado a um mentiroso ou seria flagrado mentindo. Ambos os casos me implicariam como uma ameaça criminosa. E assassinar soldados não seria o melhor início para minha passagem por Gaagyn.

– Sou – afirmei com o ar indiferente de quem cita uma trivialidade. – Sorte dos bandidos que estava cansado ao ser abordado.

Os demais guardas trocaram o peso entre os pés e aproximaram as mãos da empunhadura da arma, mas o homem na cota de malha manteve o porte altivo e as expressões indagativas.

– Nome, vertente arcana, de onde vem e para onde vai.

Suspirei e hesitei antes de responder, como se necessitasse pensar, apesar de possuir minha nova identidade na ponta da língua. Ainda que minha espécie de arcania e meu destino fossem verdadeiros, precisava que tudo soasse convincente.

– Meu nome é Grivus. Sou um arcano primordial e venho de Ishllan. Meu período obrigatório na Legião Arcana expirou, e decidi viajar até o Mar Dourado. Ou via Kizzardin ou via Liga Friggan. Ainda não decidi. Estou apenas de passagem.

Após permanecer inexpressivo por um momento, o soldado inquisidor deu dois passos para o lado e sinalizou para que os outros três liberassem o caminho.

– Procure por Yrkay na enfermaria, ele poderá ajudar com seu ferimento. É uma casa de pedra próxima da hospedaria, na rua principal. – Quando comecei a andar, ele avisou: – Nada de qualquer arcania sem permissão. Se arranjar problemas, pagará caro.

Concordei com polidez e passei pelos portões da cidade, seguindo pela rua principal, a única pavimentada e larga o suficiente para duas carroças lado a lado. A maioria das casas era de madeira, mas outras, como a oficina de ferreiro e uma pequena cervejaria, eram construídas em pedra. Assim como na estrada, ninguém respondeu a meus cumprimentos. Nem mesmo os comerciantes, sempre animados com quaisquer chances de venda. Quem não virava o rosto sustentava olhares de suspeita. Imaginei se minhas habilidades arcanas seriam tão óbvias.

A hospedaria, também construída em pedra, cujo prédio principal de três andares era circundado por anexos de madeira, se chamava Descanso da Fronteira, e sua

entrada era vigiada por dois soldados em cota de malha e tabardo azul e cinza. Quase em frente a ela, havia outra construção de pedra cinzenta, de dois andares, com uma placa que indicava se tratar da enfermaria e da prefeitura.

O local possuía um estreito hall de entrada que se conectava com dois cômodos laterais e com um corredor até os fundos da construção. Assim que entrei, um homem de barba rala se levantou de uma escrivaninha cheia de documentos, que impedia o acesso direto ao corredor.

– O que deseja? – Ele me analisou de cima a baixo.

– No portão do vilarejo me informaram que Yrkay poderia me ajudar. Preciso de tratamento – expliquei, apontando para o corte em minha coxa esquerda.

– Você pode pagar? – indagou desconfiado.

Bati na pequena bolsa de couro marrom presa à cintura.

– Vou chamá-lo. Espere aqui.

Assim que o secretário sumiu no corredor, verifiquei os cômodos laterais. O da direita se tratava de um quarto com leitos. Um deles estava ocupado, e o paciente parecia ter tido sua perna amputada. O ambiente da esquerda, muito menor, possuía um comprido banco vazio e uma porta fechada.

Yrkay não demorou a aparecer, acompanhado do secretário, que retomou seu lugar atrás da mesa e focou nos documentos à sua frente. O médico possuía barba grisalha, poucos fios de cabelo e postura cansada. Sua túnica marrom estava manchada em diversos locais, e sua atenção não repousava em qualquer lugar.

– Yrkay Vallan, médico e prefeito de Campo Araskan – apresentou-se o homem, sinalizando para que eu o seguisse até a porta fechada no aposento à esquerda.
– E você é?

Informei meu novo nome enquanto ele abria a porta. O aposento era espaçoso e possuía uma maca de madeira e três bancos centralizados. Em duas paredes, despontavam bancadas e prateleiras tomadas por bacias, torniquetes, pinças, frascos e ervas. Ao lado da entrada havia um pequeno móvel com prateleiras cheias de livros. Na parede restante havia outro leito e uma segunda porta, que levava para o corredor.

– Muito bem, Grivus, sente ali e tire a calça para eu examinar o corte.

Fiquei nu da cintura para baixo e sentei na maca apontada.

– Está um pouco inchado, mas não parece infeccionado. Vou precisar limpar e costurar. Não foi muito fundo.

– Há também outro.

Yrkay me lançou um olhar questionador, e aponte para minhas costelas. Com a ajuda dele, retirei o peitoral de couro endurecido e a camisa de algodão usada por baixo. Retesei o corpo quando o tecido precisou ser desgrudado do ferimento.

– Este aqui é pouco mais fundo, mas também não será um problema. Para garantir, além de limpeza e costura, precisará de unguento. Pagamento primeiro. Dez escudos.

Incomodado pelo preço, estiquei minha mão até os pés da maca e retirei de meu cinto a bolsinha de couro. Entreguei as moedas à Yrkay, que pigarreou.

– Esses são escudos-Alyzair, e nós estamos em Gaagyn. Se você não tem escudos-Gaagyn, terei de cobrar uma taxa. O preço será treze.

Possuía apenas escudos-Alyzair e plumas-Akinddur. Ciente de que as moedas da nação governada pela Mão Arcana poderiam entregar minha verdadeira origem, pretendia mantê-las guardadas pelo maior tempo possível. As moedas do reino de Alyzair deveriam ser suficientes por alguns dias, contanto que não seguisse arcando com ágio. Paguei a diferença requerida e voltei a alocar a bolsinha marrom em meu cinto.

Antes de iniciar a limpeza de ambos os cortes, o médico me alcançou uma garrafa de calluwän, bebida forte composta por diferentes ervas que ajudava tanto na anestesia quanto na cicatrização. Sorvi dois grandes goles, sentindo a bebida queimar seu caminho até o estômago. Fiz uma careta ante o amargor. Em seguida, o médico puxou um dos bancos disponíveis e se debruçou sobre o corte em minha coxa. Senti apenas um pequeno desconforto. Quando ele passou para meu torso, a ardência se fez presente a cada raspagem do ferimento. Yrkay então suturou o corte em minha coxa. Ao passar outra vez para minhas costelas, ergui a mão com pressa.

– Espera. Mais um gole.

Yrkay grunhiu. Ainda assim, se afastou do ferimento e me alcançou a bebida. Fiz outra careta quando o líquido desceu pela garganta e devolvi a garrafa.

– Não invente mais nada. Preciso fechar logo isso.

Assenti e engoli em seco. Quando ele trespassou minha pele com a agulha pela primeira vez, retesei diante da dor. Lembrei com profunda saudade dos curandeiros da Mão Arcana; arcanos brancos sempre disponíveis a curar seus companheiros de ordem. E o melhor, não precisava pagar sequer uma moeda a eles.

Buscando trocar o foco de minha mente, refleti sobre o próximo passo de minha jornada. Não poderia permanecer por longo tempo em um lugar como o que me

encontrava: um pequeno vilarejo próximo da fronteira com o reino de Alyzair. Precisava me afastar ainda mais dos reinos aliados ou sob influência da Mão Arcana. Já levava comigo o suficiente da vida deixada para trás, não queria que novos perseguidores me encontrassem.

Yrkay errou a costura, cravando a agulha na parte ainda aberta do corte junto à costela. Soltei um ganido baixo e o fitei com furor, mas o médico ignorou meu protesto.

– Nunca vi alguém cumular funções de prefeito e médico – comentei, buscando uma distração. – O que lhe paga mais?

– Você deve passar pouco por vilarejos pequenos. Conheço outros dois na mesma situação. Se fosse apenas prefeito, passaria metade do dia dormindo. Como médico consigo ganhar mais dinheiro.

– O conde lhe paga pouco como prefeito?

Yrkay puxou a linha com mais violência do que em outras trançadas. Resmunguei, mas ele desconsiderou outra vez.

– O conde não paga mal, mas pretendo um dia morar em algum lugar na Liga Friggan, onde eu consiga respirar água salgada e peixe toda manhã. E não pretendo passar fome ou morrer trabalhando lá. Agora fique quieto, estou quase acabando.

Ao terminar de fechar a ferida que circundava o lado direito do meu corpo, o médico caminhou até a bancada à frente e, em uma bacia, derramou água, o conteúdo escuro de dois frascos e uma mistura de ervas e flores secas, amassadas na hora com um pilão. Pegou um pano limpo de algodão em uma gaveta e o molhou na bacia. Após dobrá-lo com cuidado, aplicou-o em minha costela. Uma ardência surgiu e sumiu, deixando a sensação agradável da umidade contra a pele quente.

– Você precisa mantê-lo – instruiu, tomando minha mão direita e levando-a até o pano sobre o ferimento. – É melhor se deitar. De tempos em tempos, reaplicarei o unguento. Você ficará aqui por algumas horas.

– Poderia me emprestar linha e agulha? Quero costurar minha calça e minha camisa.

Yrkay me alcançou os itens solicitados, após retirá-los de uma pequena gaveta. Peguei minhas roupas ainda úmidas e me inclinei sobre a maca de madeira, que rangeu e balançou. Por três vezes Yrkay reaplicou o unguento. Na segunda e terceira vez, já havia terminado a costura e quase dormia.

Quando estava prestes a me levantar e me vestir, um homem alto, moreno e de olhos pretos irrompeu na pequena sala de trabalho do médico. Era jovem e possuía pele branca e nariz fino. Trajava gibão de placas com capa azul e carregava uma espada à cintura. Após examinar o ambiente com ar severo, concentrou-se em mim e em meus pertences. Ele pigarreou.

– Você deve ser Grivus. Arranjará problema?

Não titubeei em responder, movendo o queixo para os lados:

– Nenhum.

– Melhor assim. Estarei atento – rosnou o homem, antes de cumprimentar Yrkay e deixar a sala. Sua capa ostentava a moeda de ferro com a imagem de uma mina.

– Quem é ele?

– Lyveon Canffar, primogênito do conde Layrus, senhor desta cidade – explicou. Ele envolveu meu corpo com bandagem e estendeu algumas sobressalentes. – Você pode ir embora. Troque o curativo ao menos uma vez por dia. Evite exercícios físicos pesados e movimentos bruscos para não abrir a sutura. Logo será como se os cortes não tivessem existido.

Presumi que caminhar dezenas de quilômetros, minha intenção para o dia seguinte, seria um exercício físico pesado, mas nada disse. Agradei os serviços de Yrkay, coloquei a roupa e deixei o local. O sol brilhava no céu. Por curiosidade, decidi caminhar até o final da rua principal e conhecer o restante de Campo Araskan. Não havia nada além de bancas comerciais e um templo em ode à Tríade, uma baixa construção em madeira com o costureiro símbolo acima da porta: um pequeno círculo com três traços a partir de seu ponto superior, um na vertical, dois em ângulo de quarenta e cinco graus.

Vendi os anéis e pingentes retirados dos homens de Alyzair em uma banca simples, anexa a uma oficina de tecelões. Tentei negociar um preço de venda maior, mas o comerciante foi irredutível. Se não quisesse me livrar logo dos itens, poderia tê-los vendido em outro povoado. Também adquiri uma larga sacola transversal verde. Coloquei-a no ombro após guardar as ataduras reservas.

Ao me aproximar de uma rampa que levava para o topo da muralha de Campo Araskan, o semblante carregado de dois soldados e de um arqueiro na torre de vigília explicitaram se tratar de acesso restrito. Sem uma palavra, contornei os guardas e parei sob o portão sul da cidade. A estrada, em leve declive, se perdia em um horizonte

de plantações à esquerda. À direita, havia o mesmo tipo de mata pela qual havia chegado ao vilarejo.

Em uma faixa desmatada próxima às fortificações estava montado um acampamento militar, e diversos soldados treinavam combate com armas. No centro de um círculo formado por guerreiros suados e de expressões cansadas, um homem parrudo de torso nu cruzava espadas com dois adversários de armadura. O cabelo era escuro, e ele ostentava uma barba bem aparada. A dupla hesitava ao atacar, mas o guerreiro sozinho distribuía golpes como se estivesse em uma verdadeira batalha.

Em um movimento lateral do homem parrudo, tive certeza de que a lâmina acertaria em cheio o cotovelo do oponente. Entretanto, no último instante, o soldado de armadura se moveu, e a ponta da arma passou a centímetros da pele. O guerreiro de torso nu parou e encarou os demais com censura.

– Vocês tem a coragem de se chamarem de meus soldados? É com essa vontade que defendem a casa Canffar? Que Shakka não os veja. Esforcem-se, vocês tem armaduras!

Tomei o caminho de volta e avistei um sacerdote de cabelos brancos e pele enrugada que varria a varanda de entrada do templo. Trajava uma túnica vermelha longa com detalhes amarelos e o símbolo da Tríade estampado no peito. Levantou o rosto no exato momento em que o observava, sinalizando que eu me aproximasse e adentrasse o templo. Recusei e me despedi com um aceno.

Não era adepto do culto à Tríade. Cresci ao seu redor, ouvindo histórias e frequentando templos, mas nunca me aprofundei em seus textos sagrados. O treinamento e o conhecimento arcano cedo me ensinaram que Hannor, Shakka e Ellah, a Tríade, não eram antigas e poderosas entidades, mas tão somente líderes guerreiros extraordinários de uma época na qual os humanos não eram a raça soberana, na qual eles ainda eram ameaçados. O culto não negava a existência dos Primevos, o círculo na base do símbolo da Tríade os representava. Ainda assim, não conseguia considerar humanos como aptos à deificação.

Na entrada da hospedaria Descanso da Fronteira, os dois soldados de azul e cinza me analisaram com cautela, mas não impediram minha passagem. O salão comum era amplo e aconchegante. Ao lado da entrada, à esquerda, junto a um comprido balcão, o estalajadeiro me avaliava. Atrás dele, ânforas e garrafas de bebida estavam dispostas em prateleiras. Do lado oposto, uma larga lareira apagada não possuía sinais de uso recente. No centro do salão, diversas mesas circulares estavam espalhadas. Cerca da

metade estava ocupada, e escolhi uma próxima à lareira. Sentei-me de forma a enxergar quase todo o ambiente.

Ao lado do balcão, em direção ao fundo, havia uma escada de tábuas de madeira para o andar superior. Na sequência, uma porta dupla para a cozinha. Um tablado baixo ocupava o canto oposto, e um homem, sentado em sua ponta, dedilhava a esmo um alaúde.

Da cozinha saíram duas mulheres carregando travessas de comida. Uma trazia queijo e frutas, a outra, pães e algo fumegante em uma cumbuca. Elas serviram uma mesa com cinco homens de aparência abastada, com túnicas coloridas repletas de detalhes e barba e cabelos aparados. As reconheci como as duas que pularam de susto ao serem surpreendidas na mata. Eram parecidas entre si e trajavam vestidos de tonalidade marrom, um claro, outro escuro. Também se lembraram de mim. Antes de rumarem do salão comum para a cozinha, cruzaram com a jovem que me alertou sobre a insegurança da área. Ela descia as escadas, e as duas me apontaram. A garota esboçou um sorriso travesso e se aproximou. Ela se movia com elegância e utilizava um vestido musgo, justo na cintura e fechado até o pescoço. O cabelo loiro escuro estava para frente, pendendo sobre os seios, e imaginei como seria essa visão sem as roupas.

– Então você encontrou Campo Araskan. E também se lavou. Fico feliz – brincou a jovem, parando junto à mesa e apontando a armadura de couro endurecido.

Ergui um canto da boca.

– A chuva veio em boa hora. Vocês devem ter ficado encharcadas também.

– Já estávamos quase chegando quando a chuva começou.

– Não as vi passar.

Ela se inclinou um pouco para frente, como se fosse contar um segredo.

– A chefe o mandou pelo caminho longo, pela estrada. Existem trilhas mais curtas pela floresta. – A jovem deu uma piscadela. – Foi o certo, você estava armado e sujo de sangue.

– Então a deixei com medo? – questionei com malícia.

Ela deu de ombros e respondeu com divertimento:

– As meninas dizem que sou atraída por desordeiros.

– E você é?

Ela inclinou a cabeça de maneira afetada.

– Talvez. E você? É um desordeiro?

– Talvez.

Nós dois soltamos risos contidos, e encarei seus lábios.

– Qual o seu nome?

– Aranna, e o seu?

– Grivus.

– Então, Grivus, você passará a noite em Campo Araskan ou logo partirá?

Antes que pudesse responder, um brado se fez ouvir:

– Aranna, deixe de conversa, tem mesas esperando.

A mulher morena que puxou o facão na floresta descia a escada com semblante mal-humorado. Ela me fitou com desprezo e seguiu para a cozinha.

– Sim, senhora – replicou Aranna.

– Pretendo passar a noite no vilarejo – expliquei quando ela retomou a atenção em mim. – Na verdade, queria um quarto aqui. Há algum disponível?

Ela franziu o nariz e moveu a cabeça para os lados.

– Tenho certeza de que achará um lugar para dormir – complementou com um sorriso malicioso, que correspondi. – Agora me diga o que deseja para comer e beber.

– Alguma sugestão?

– O ensopado de peixe salgado está bom.

– Com pão, queijo e hidromel, por favor.

Aranna anuiu, e realizei uma breve mesura. Enquanto ela se afastava, observei o balanço de seu corpo e tive certeza de que manteria os meus pesadelos afastados à noite.

CAPÍTULO III

Quando a refeição chegou, percebi como estava faminto. Devorei o saboroso ensopado e pedi uma segunda cumbuca, mas o hidromel não se comparava aos encontrados em Akinddur. Disse para mim mesmo que precisaria me acostumar com bebidas de menor qualidade. Não estava mais em uma das maiores cidade do continente de Arzyn. Até me afastar o suficiente das garras da Mão Arcana, precisaria me contentar com os pequenos vilarejos. Na sequência, pedi frutas e mais hidromel, me recostei na cadeira e passei a devanear sobre as possibilidades do futuro.

Depois de um longo tempo, caminhei até o balcão e pedi um terceiro caneco de bebida. Conversei com o estalajadeiro, que dissipou sua carranca à medida que ouvia sobre minha origem inventada. Ele contou ter herdado a estalagem do irmão mais velho, assassinado com a família em um assalto a uma caravana mercantil. Descobri que a mulher que balançou a faca em minha direção na mata era sua irmã, que sua esposa liderava a cozinha, que duas de suas filhas o ajudavam no negócio. Aranna era apenas uma empregada. O estalajadeiro reclamou da qualidade de seu trabalho, mas afirmou que os clientes adoravam sua simpatia e disposição.

Retornava ao meu lugar quando Lyveon Canffar ingressou no salão. Vestindo a mesma armadura e capa, passou por mim com arrogância e rumou para a escada a passos largos. Atrás dele estavam três soldados e o guerreiro que treinava de torso nu, agora identificável como o conde Layrus Canffar. Ele trajava uma elegante e brilhosa túnica cinza e ostentava uma capa azul com o símbolo de sua casa. Sob a barba o queixo era proeminente, e a face, atenta e dura. À cintura ele trazia sua espada.

O conde escolheu uma mesa junto ao tablado e se sentou voltado para o resto do ambiente. Um soldado se juntou ao seu senhor, e os outros dois permaneceram de pé, escorados na parede ao lado. O estalajadeiro deixou o balcão às pressas e se aproximou da mesa. Era início da noite, e o local agora estava quase cheio. O alto burburinho impedia que se ouvissem conversas alheias. Aranna corria de um lado a outro atendendo a solicitações dos clientes, e uma das outras jovens agora se dividia entre a cozinha e o salão.

O prefeito e médico Yrkay Vallan não tardou a entrar na hospedaria, sentando-se à mesa do conde. Lyveon Canffar desceu as escadas acompanhado por duas mulheres, uma criança e dois soldados. A menina possuía cabelos pretos até o meio das costas e saltitava pelos degraus. A pele era clara, e os olhos, pretos. Usava um vestido

amarelo-gema e uma tiara. Uma das mulheres era claramente uma serviçal. Com um simples vestido cinzento, se mantinha próxima à criança. O semblante cansado de nariz comprido indicava quatro décadas de vida. O cabelo era castanho, e os ombros, estreitos.

A última era a mulher mais atraente que avistava em muito tempo. O cabelo negro ondulado até os ombros, os olhos cinzentos, o nariz afinado e os lábios miúdos. Possuía menos de vinte anos e usava uma gargantilha preta combinante com o vestido bordô de decote generoso. De altura mediana, tinha cintura fina e pele clara.

Os soldados se postaram nos primeiros degraus do caminho para o andar superior, e o grupo se juntou ao conde. O estalajadeiro sinalizou para o homem que mais cedo dedilhava um alaúde. Ele deixou seu caneco no balcão e se dirigiu ao tablado. O menestrel, um jovem magro e loiro de cabelos até os ombros, barba rala e olhos azuis, fez uma profunda reverência à família nobre e anunciou, gritando acima da multidão:

– Boa noite. Meu nome é Naggarn, e iniciarei com uma composição própria, que não possui letra, apenas melodia. Eu a chamo de Alvorecer. Espero que gostem.

Três homens sentados em uma mesa ao lado do palanque aplaudiram e gritaram o nome do bardo, mas o restante do público pareceu receoso quanto à composição do desconhecido. Em hospedarias de pequenos vilarejos, os músicos não costumavam ser bons sequer com as canções mais famosas. Ainda assim, fez-se silêncio.

O início da melodia era ameno e compassado, e a paixão de Naggarn aumentava a cada nota. De olhos fechados, deixei-me envolver pela música agradável, transportando-me ao passado, revisitando memórias doídas, mas com surpreendente leveza. As notas irradiavam nostalgia. De repente o ritmo mudou. Acordei do devaneio e me admirei com o dedilhado ágil e preciso do menestrel. A melodia agora era frenética, estimulante e cativante. Passava a sensação de poder e euforia após uma vitória difícil. Se não fosse capaz de identificar o uso de arcania, suspeitaria de que os dedos do bardo estivessem encantados, ainda que nada arcano fosse capaz de reproduzir música com tamanha paixão.

Naggarn encerrou a canção ao diminuir gradualmente a força melódica, e o público ficou quieto. Então ovações explodiram. Todos o aclamaram, inclusive a família Canffar. A linda jovem no vestido bordô chegou a se levantar para aplaudir, junto de alguns outros no salão. O bardo realizou uma profunda mesura e começou a próxima música.

Ele tocou baladas clássicas como “Os românticos de Ogannel”, que tratava de um casal cujo amor emocionou uma cidade; “Tragédia de Capaeron”, que contava sobre um homem poderoso abandonado pela esposa, traído por seus vassalos e assassinado pela filha; e “O louco Raghelid”, que retratava um antigo rei de Alyzair deposto pelo filho após inúmeras insanidades, como passar meses trancafiado em um harém e leiloar uma de suas filhas, nua, na praça em frente a seu castelo.

Algumas das músicas do repertório me eram desconhecidas, mas desfrutei a bela voz e a habilidade do bardo de igual maneira, alternando a atenção entre Aranna e a filha do conde, a qual agora sabia se chamar Gallya. Descobri seu nome em uma segunda conversa descontraída com o estalajadeiro, ao buscar mais hidromel. Annya, a criança morena de vestido amarelo, também era filha do nobre. Ambas viviam no castelo do pai, na cidade de Foz Ferro.

A cada canção encerrada, as pessoas no salão comum da hospedaria ouviam menos à música, conversando aos gritos e soltando gargalhadas, impulsionadas pela bebida. Enquanto a maioria ignorava uma canção desconhecida por mim sobre um explorador cujo único achado fora o coração de uma princesa, o prefeito Yrkay e o conde Layrus se levantaram, despediram-se dos demais na mesa e deixaram a Descanso da Fronteira, seguidos por dois soldados.

Annya e a serviçal seguiram para as escadas, apesar dos claros protestos da menina, que chegou a se agarrar na grossa haste inicial do corrimão e precisou ser carregada pela criada. Um dos soldados postados nos degraus iniciais as seguiu. Gallya Canffar estava agora acompanhada apenas pelo irmão Lyveon e pelos dois soldados restantes: um de pé contra a parede ao lado da mesa e o outro junto à escada.

Quando a música romântica terminou, Gallya pulou para um assento ao lado do irmão, seu rosto ostentando encantadora súplica. Não sabia do que se tratava a conversa, mas estava clara a relutância de Lyveon. Por fim, a graça da irmã ganhou. Gallya adquiriu expressões de alegria juvenil e saltou da mesa, aproximando-se do tablado.

Naggarn interrompeu o início de uma nova letra, mantendo o dedilhado no alaúde, e se inclinou na direção da jovem. Após ouvi-la, o bardo cancelou a melodia, desceu do palco e se apressou até a mesa com os três homens que gritaram em apoio ao anúncio da primeira música de sua apresentação. Dois deles remexeram sacos de pano sob a mesa e retiraram uma flauta transversal e um pequeno tambor.

Enquanto o trio subia no estreito tablado, Gallya pedia e sinalizava para os clientes próximos abrirem espaço. Sem hesitação, todos arredaram mesas e cadeiras. Assim que a conhecida música “Herói Eddolean” iniciou, a jovem nobre puxou um casal desconhecido para dançar. A melodia era alegre e festiva, e outros clientes se deixaram contagiar, também levantando e ocupando a recém-liberada área para dança. Gallya saltitava de um lado a outro com alegria apaixonante, entre plebeus e canecos de bebida, cujos conteúdos mais viravam sobre o chão e sobre outros dançarinos do que eram consumidos. Enquanto seu irmão assistia sentado à mesa, ela dançava e cantava, em coro com o público:

*Pavor corria as campinas,
Nobres queriam rendição,
Mas Eddolean Arggast clamou:
Covardes!
Todos perderam a razão!*

*Confiem em mim quando digo
Os qhorenhos não vencerão.
Na cristalina água do Boddan,
Só sangue encontrarão.*

*Se reúnam em minhas terras,
Prometo a vocês a vitória.
Combateremos os invasores,
E nadaremos em fama e glória.*

*Relutantes os nobres cederam,
E Eddolean liderou a batalha.
Do alto do castelo Taggarin,
Bradou com a voz de navalha.*

*Mercenários e sanguinários,
Invasores que marcham do sul,
Dessas terras não passarão,*

Perderão tudo por tosca ambição.

*Se desejam conquistar esses campos,
Guerreiros hábeis terão de enfrentar.
Só encontrarão ao longo do embate,
Lanças e espadas a vos transpassar.*

*Os inimigos não recuaram,
Confiantes em novo triunfo.
Mal sabiam que ao cair da noite,
A história tomaria outro rumo.*

*Ainda que em menor número,
Eddolean cumpriu a promessa.
Manchou as colinas de sangue,
E os inimigos fugiram com pressa.*

*Por meses de novos combates,
Os qhorenhos tentaram avançar.
Não alcançaram qualquer sucesso,
Com Eddolean a nos liderar.*

*Quando fugiram os invasores,
Eddolean foi exaltado.
Rei de todas as terras de Gaagyn,
Pelos nobres foi coroado.*

*Antes chamado Taggarin,
O castelo teve o nome trocado,
Vigília-Oeste passou a chamar-se,
Até hoje terreno sagrado.*

*E assim nasceu nosso reino,
Fruto de glória histórica.*

*Reprimida a invasão qhorenya,
Gaagyn nasceu heroica.*

De lábios fechados e sorriso na face, admirei quase todos os presentes cantarem por três vezes a letra da vitória heroica daquele que seria o primeiro rei de Gaagyn. Quando o conjunto musical engatou outra canção, entornei o restante do hidromel e levantei de um pulo. Queria dançar e desejava Gallya como parceira. Ignorando o incômodo das suturas e concentrado na pista de dança, fui em direção à filha do conde. De súbito, Lyveon Canffar se atravessou em minha frente, colocando a palma esquerda em meu peito e tocando a espada à cintura com a outra mão. Parei sobressaltado, percebendo os dois soldados de azul e cinza vindo em minha direção.

– Nem pense em se aproximar de minha irmã, arcano – avisou o nobre, com desdém. – Acha que não notei como a observa?

– Desejo apenas dançar. – Dei um passo atrás e ergui as mãos em conciliação.

– Mas não vai. Retorne à sua mesa, ou será preso – ameaçou Lyveon, estufando o peito e erguendo o queixo.

– Nunca machucaria alguém inocente.

O nobre repuxou o canto da boca e grunhiu:

– Pouco importa o que você alega. Nenhum arcano é confiável.

Apesar de compreender em parte o receio de Lyveon por minhas habilidades, meu maxilar e meu punho cerraram. Tive vontade de socar o nobre e seus dois soldados para em seguida dançar e saltitar com Gallya. Imaginei a cena. Porém, minha nova vida mal havia começado, não fazia sentido colocá-la em risco por um capricho, ainda que fosse a mulher mais atraente com quem cruzava em longo tempo. Voltei à realidade e recuei três passos, enquanto ainda mirava Lyveon, antes de me virar. Entretanto, não retornei para a mesa.

Assim que sentei em um dos bancos altos ao longo do balcão, o estalajadeiro franziu a testa.

– É seu primeiro dia em Campo Araskan e você já está arranjando confusão – ironizou ele, encenando uma reprimenda.

– E será o último – resmunguei. – Recebi apenas caretas e ameaças nesse vilarejo.

– Além de desconhecido, é um arcano – salientou o homem, tomando meu caneco para repor o hidromel. – Enquanto você estiver em Gaagyn, espere por isso. Especialmente daqueles que já sofreram nas mãos de um tipo como você.

O estalajadeiro devolveu o caneco cheio e serviu três doses de aguardente, entregando-as para Aranna. Ela piscou para mim com malícia antes de pegar os pequenos copos e retornar às mesas. Admirei seu corpo enquanto ela se afastava.

– De quem você falava? – indaguei quando o estalajadeiro se aproximou outra vez. O homem sinalizou incompreensão. – Sobre sofrer nas mãos de um arcano. Você se referia a alguém específico?

– A esposa do conde Layrus foi assassinada por um – sussurrou, inclinándose sobre o balcão. – Lorde Lyveon nunca superou a perda, ele mudou muito com a morte da mãe.

De imediato pensei em como Gallya Canffar reagiria ao ter um arcano se aproximando dela, ponderando o quanto ser barrado por Lyveon teria sido para melhor. Se Gallya tivesse gritado, não conseguiria evitar um combate.

– Isso foi há muito tempo?

O homem hesitou, inclinando a cabeça de um lado a outro.

– Deve fazer oito anos. Annya possui nove. Era um bebê quando a mãe foi assassinada.

– Não deve ter sido fácil. É uma boa razão para se sentir ódio.

O estalajadeiro concordou e se afastou para servir canecos de cerveja. Permaneci junto ao balcão, contemplando, ainda mais admirado, a leveza de espírito com que Gallya se divertia.

Aos poucos, as canções alegres e o clima de festejo perderam a força. Os clientes da hospedaria deixaram o salão comum na direção de suas casas, e os hóspedes subiram para seus quartos. Tão logo Gallya rumou para os aposentos alugados no andar de cima, seguida por um dos soldados, Lyveon Canffar entregou algumas moedas ao bardo Naggarn. O primogênito do conde deixou a hospedaria com o outro soldado, e logo a música parou.

Aranna ajudou as duas filhas do estalajadeiro a recolher e limpar a maior parte da bagunça deixada para trás pelos clientes. Então se pendurou no balcão, simulando um pedido de clemência para o patrão, que organizava as prateleiras de bebidas.

– Sem barulhos – suspirou, gesticulando para a empregada partir. – Não será bom para ninguém se as filhas do conde acordarem porque a criadagem resolveu transar.

A mulher tomou as minhas mãos, puxando-me na direção da cozinha. Bebi às pressas o último gole do hidromel, joguei o caneco para o estalajadeiro e me deixei ser levado. Na cozinha, o fogo já estava apagado, e o ambiente começava a ser limpo. Após pegar uma vela, Aranna me conduziu por uma passagem à esquerda. O estreito e comprido corredor dava acesso aos aposentos do dono e sua família. Na penúltima porta, Aranna parou e puxou, de dentro do vestido, uma chave pendurada no pescoço.

Com ímpeto, ela destrancou a porta e entrou, deixando para mim a tarefa de fechá-la. Tive um pouco de dificuldades com a fechadura em razão da parca luminosidade. Quando me volvei para o interior do quarto, Aranna havia largado a vela sobre uma mesa ao lado da cama e retirado suas botinas. Começava a desatar os cordões às costas do vestido musgo.

Retirei as botas, a sacola, o cinturão e o cinto, deixando-os no chão, aos pés da cama. Aproximei-me da jovem por trás, envolvendo sua cintura com gentil vigor e afundando em seus cabelos lisos. Senti um suave aroma cítrico e levei meus lábios ao seu pescoço. Aranna estremeceu, movendo sua boca até a minha. O beijo foi intenso e sedutor. Desamarrei o restante de seu vestido, correndo minhas mãos por suas costas e ombros nus. A parte superior da roupa caiu para frente, pendendo até a cintura e revelando seios pequenos e firmes. Levei minha boca até sua nuca, e arrastei as mãos até os seios, apertando os mamilos entumecidos. Ela estremeceu outra vez.

Girei-a pela cintura e dei um passo para trás. Seus cabelos caíram sobre os seios. A cena era mais bela e excitante do que havia imaginado. Aranna empurrou o vestido para baixo, balançando a cintura e revelando toda sua nudez. Puxei-a para outro beijo e descí arrastando a língua por sua pele macia. Pescoço, colo, seios, umbigo.

Ela enterrou as duas mãos em meus cabelos ruivos ondulados e puxou-me de volta, beijando-me enquanto abria os botões de minha calça. Ajudou a retirar a armadura de couro endurecido, jogando-a em um canto do quarto. Aranna mordiscou minha orelha e, erguendo a camisa de algodão, levou os lábios até minha cintura. Senti um arrepio percorrer minhas costas.

Ao puxar o restante da peça para cima, Aranna hesitou diante da bandagem em meu torso. Gesticulei despreocupado, e ela continuou o movimento, retirando a

camisa por completo. Enquanto nos saciávamos, tive certeza de que dormiria cansado, satisfeito e sem pesadelos.

A degustação chegou ao fim.

Quer saber o que acontece no resto da história?

Adquira o livro acessando o link e selecionando versão impressa ou digital (e-book):

[https://www.rodrigobscop.com/grivusdeangalladeaflam](https://www.rodrigobscop.com/grivusdeangalladeaflam<uladamoedadef)

Aprecie e suporte meu trabalho e a literatura nacional!

Mergulhe em Arzyn!

Se possível, avalie após a leitura. Será de grande ajuda!

Obrigado!